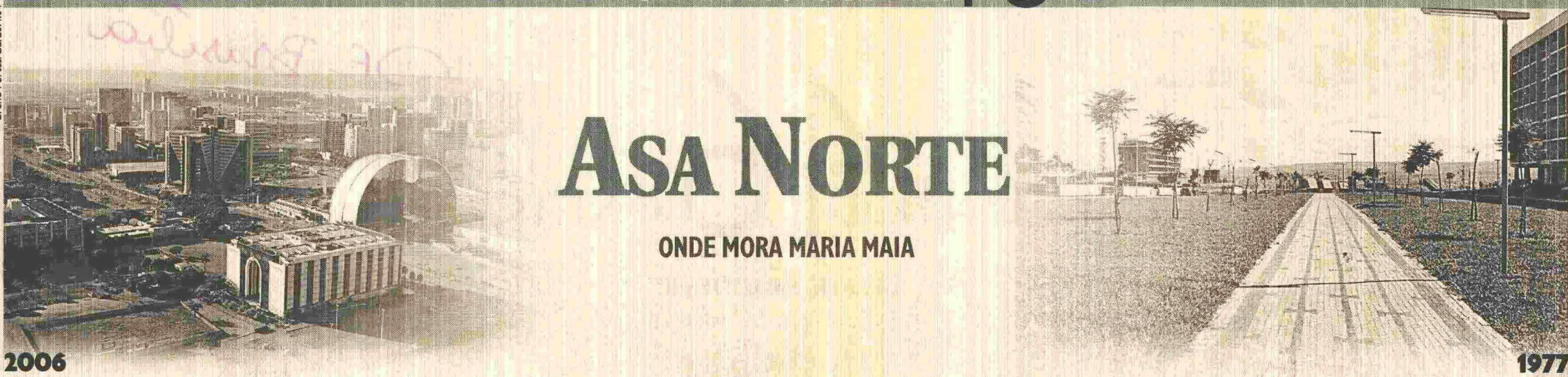




ASA NORTE

ONDE MORA MARIA MAIA

A banda esquerda de Brasília é mais quente e solar, no dizer de uma cineasta, poeta, ativista e mãe

O vôo caloroso de Maria

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

O dia começa cedo para a documentarista, poeta e cientista social Maria Maia. Pontualmente, às 6h, percorre os poucos metros que separam seu apartamento na 305 Norte até a quadra ao lado, a 105, para participar das aulas de tai-chi-chuan ministradas há décadas pelo mestre Moo Shong Woo. Dependendo do dia, aproveita o embalo e faz uma caminhada pelas quadras vizinhas, antes de ir para o trabalho no Senado Federal.

“É um privilégio poder praticar algo que nos deixa equilibrada, em paz, com vitalidade. Ainda por cima, é de graça. Só na Asa Norte temos tanta qualidade de vida”, diz Maria, uma das 107 mil privilegiadas moradoras da Asa, que ostenta índices de primeiro mundo: tem renda per capita de R\$ 1.831, 64,3% dos lares possuem um computador e 93,6% dos moradores, telefone celular.

Acordar às 6h é rotina para Maria, que até o ano de 2000, quando morava no final da Asa, na 415, largava a cama no mesmo horário para dar um mergulho nas piscinas naturais da Água Mineral. “Hoje não dá para ir todo dia porque fica longe. Mas aos sábados sempre procuro ir até lá para dar umas braçadas”, conta Maria, 46 anos bem vividos.

Além das caminhadas e braçadas e do tai-chi, Maria também é devota das caminhadas no Parque Olhos d'Água, na 413 Norte, que por sinal, ajudou a preservar e fundar. “Foi uma vitória nossa contra o setor imobiliário que queria derrubar tudo e construir uma quadra residencial. Brigamos e temos hoje aquele espaço maravilhoso, especial”, recorda-se.

A luta pelo parque, e a própria constatação de que naquele terreno baldio havia um ecossistema precioso, começou quando a comunidade constatou que no espaço existiam diversos olhos d'água. “Meus dois filhos, Mateus e Diego, viviam soltos brincando pelas quadras, e de tanto explorar e fuçar chegavam contando o que tinham visto. A comunidade se reuniu e montou um movimento chamado Sociedade Amigos do Parque Olhos d'Água (Sapo). Todo ano fazíamos uma enorme árvore de Natal no local com os restos do lixo encontrados na área. Deu no que deu: preservamos um verdadeiro tesouro que seria tragado pelos construtores”, orgulha-se.

Luta democrática

Essa briga, por sinal, não foi a primeira nem a última dessa acreana que chegou a Brasília em 1975, e que foi morar na Asa Sul com uma irmã. “Larguei Rio Branco, em plena floresta amazônica e vim encarar o cerrado. O mais incrível é que, alguns anos depois, descobri que me sentia mais daqui do que de lá, apesar da grandiosidade cultural do Acre e da floresta continuarem dentro de mim.”

Ainda estudante do colégio Objetivo, ficou encantada com a primeira grande manifestação popular que viu na vida. O ano? 1976. A manifestação? Nada menos do que o enterro de Juscelino Kubitschek, que reuniu milhares de pessoas saudando o mais célebre político brasileiro de todos os tempos. “Me integrei naquele cortejo e foi a primeira vez que vi Brasília pulsando”, recorda-se.

Foi apenas a primeira chance de conferir a energia e a força da cidade que adotaria como sua. Em 1977, ao ingressar na Universidade de Brasília, no curso de engenharia, Maria Maia teria oportunidade de participar da primeira greve estudantil pós-ditadura militar, deflagrada em abril. Na verdade, o curso de engenharia seria apenas iniciado, mas jamais finalizado, pois os meses seguintes do ano de 77 se resumiriam à seguinte rotina.

“Chegava à UnB às 8h30, participava de manifestações, assembleias, debates, fômos para o Teatro de Arena assistir aos filmes de cineastas como Jean-Luc-Godard, Werner Herzog, Serguei Eisenstein. Obviamente, depois de tudo, fômos para o bar do DCE, na 407 Norte, ou para os forrós dos estudantes. A vida era cheia de luz e de sentimento de que tudo ia mudar.”

Nesste período, ajudou a reconstruir o Diretório Central Estudantil da Universidade e vários centros acadêmicos, conheceu o primeiro marido, mudou-se para uma república na Asa Norte, e decidiu nunca mais sair do pedaço. “Não sei explicar direito, mas gosto mais da Asa Norte, que passa

Fotos: Kleber Lima/CB/13.4.06



A mobilização de Maria Maia, e de muitos outros, resultou na conquista do Parque Olhos d'Água. Vitória contra a ameaça de especulação imobiliária. Embora tenha nascido no Acre, é no cerrado que ela se sente em casa, andando ou fazendo tai-chi-chuan nas superquadras

uma impressão de ser mais quente, de ser solar”.

Fez novo vestibular, desta vez para ciências sociais, com especialização em sociologia. No segundo semestre de 1977, a universidade foi ocupada pelos militares. “Continuei fazendo parte dos grupos políticos, era ligada à tendência Liberdade e Luta (Libelu) e brigávamos pelo retorno dos direitos políticos, pela anistia...”

Época rica

Em 1979, casou-se. Em 1981 teve o primeiro filho, Mateus. O destino: um apartamento na 415 Norte, onde teria, em 1984, o segundo filho, Diego, e no qual viveria por 20 anos. As responsabilidades de mãe impediram que Maria Maia participasse de noites e farras estudantis. Apesar disso, foi frequentadora do histórico bar Bom Demais, na 706 Norte, comandado por Cristina Roberto, que fazia



apresentações de artistas e servia uma comidinha natural nota 10. “Por lá passava toda a moçada, como o músico Renato Mattos, o poeta Nicolas Behr, militantes do movimento estudantil, pirados, naturebas. Era uma época muito rica”, lembra.

Tem poucas críticas à Asa Norte. Uma delas, a falta de salas de cinema em quantidade suficiente. A outra crítica, à estrutura atual das novas construções. “Os apartamentos, mesmo os com maior quantidade de cômodos, são pequenos. Minha casa atual é mais nova, mas as dependências são menores do que a do anterior. As construtoras estão cada vez explorando mais os poucos metros quadrados que restam”.

Ao mudar da 415 para um apartamento de três quartos na 305, continuou tendo qualidade de vida. A janela do seu apartamento é emoldurada por um mogno, coincidentemente, árvore fartamente

encontrada na Amazônia. De lá também se avista um jardim coletivo, e muito verde. “A vista é excepcional, por sinal, Brasília sempre ofereceu isso: beleza e segurança”, diz a documentarista, que reconhece: os tempos não os mesmos, e vez ou outra, ondas de violência chegam bem perto.

Mas enquanto a Asa Norte continuar essa pequena ilha de bem-estar, Maria Maia promete não arredar pé do lugar. Quem quiser encontrá-la, vai achar a poeta, desenhista, mãe, mulher (casou pela segunda vez), cineasta, socióloga, antropóloga e comunicadora social cumprindo sua deliciosa rotina diária: ora no tai-chi-chuan, ora na Água Mineral, ora trabalhando no Senado, ora namorando o marido Samuel, ora conversando com os muitos amigos, ora escrevendo poesias, roteiros, lendo, vivendo. “Sou feliz”, sintetiza Maria. E na Asa Norte.

EXPEDIENTE

Diretor de Redação: Josemar Gimenez; **Editora-chefe:** Ana Dubeux; **Editor-executivo:** Carlos Marcelo; **Editora de Cidades,** Samanta Sallum; **Edição de Arte:** João Bosco; **Edição de Fotografia:** Luís Tajés; **Edição:** Conceição Freitas, Severino Francisco e Wilmar Alves; **Repórteres:** Carolina Caraballo, Cecília Brandim, Danielle Romani, Erica Andrade, Érica Montenegro, Fabíola Gois, Flávia Duarte, Guilherme Goulart, Gustavo Tourinho, João Rafael Torres, Maria Ferri, Marina Amazonas, Renato Alves e Tatiane Lopes; **Diagramação:** Itamar Figueiredo e Roberto de Sousa. **Revisão:** Carlos Tavares.